## **Organizador** José Américo Miranda

# Poesia brasileira, época neoclássica antologia 2. ed. revisada



Belo Horizonte FALE/UFMG 2011

### Diretor da Faculdade de Letras

Luiz Francisco Dias

#### Vice-Diretora

Sandra Maria Gualberto Braga Bianchet

#### Comissão editorial

Eliana Lourenço de Lima Reis Elisa Amorim Vieira Fábio Bonfim Duarte Lucia Castello Branco Maria Cândida Trindade Costa de Seabra Maria Inês de Almeida Sônia Queiroz

### Capa e projeto gráfico

Glória Campos Mangá – Ilustração e Design Gráfico

#### Revisão

José Américo Miranda

### Diagramação

Priscila Justina

#### Endereço para correspondência

Laboratório de Edição – FALE / UFMG Av. Antônio Carlos, 6627 – sala 4081 31270-901 – Belo Horizonte / MG Telefax: (31) 3409-6072

e-mail: revisores.fale@gmail.com

www.letras.ufmg.br/labed

#### António Dinis da Cruz e Silva . 5

A Tijuca – Metamorfose I . 5 Soneto XXIII – 1 . 8 Soneto VI – 2 . 8 Soneto XV – 2 . 9 Soneto LXII – 2 . 9

#### Cláudio Manuel da Costa . 10

Soneto I. 10 Soneto II. 10 Soneto III. 11 Soneto IV . 11 Soneto V. 12 Soneto VIII . 12 Soneto XIV . 13 Soneto XVIII . 13 Soneto XXVI . 14 Soneto XXVIII . 14 Soneto XXIX . 15 Soneto XLVII . 15 Soneto LIX . 16 Soneto LXII . 16 Soneto LXIII . 17 Soneto LXXVI . 17 Soneto LXXXIII . 18 Soneto XCVIII. 18 Soneto XCIX . 19 Soneto C. 19 Arúncio - écloga V . 20

#### Tomás Antônio Gonzaga . 27

Lira 65 (III – segunda parte) . 27 Lira 68 (VI – segunda parte) . 28 Lira 24 (V – primeira parte) . 30 Lira 38 (XVIII – primeira parte) . 32 Lira 34 (XIV – primeira parte) . 33 Lira 42 (XXIII – primeira parte) . 35 Lira 46 (XXVIII – primeira parte) . 36

#### Manuel Inácio da Silva Alvarenga . 38

Os suspiros (rondó XLV) . 38 O prazer (rondó XXIV) . 38 Madrigal II . 40 Madrigal VIII . 40 Madrigal LVI . 41 Inácio José de Alvarenga Peixoto . 42

Bárbara bela [...] . 42

Santa Rita Durão . 44

Caramuru . 44

Basílio da Gama . 47

O uraquai . 47

Alexandre de Gusmão . 48

A Júpiter Supremo Deus do Olimpo (Soneto) . 48

Francisco Vilela Barbosa . 51

Ode IV . 51

Frei Francisco de São Carlos . 53

A Bernardo José de Lorena Governador e Capitão-General de São Paulo . 53

José da Natividade Saldanha . 54

Ode Anacreôntica 1.54

Ode Anacreôntica 2.54

Ode Anacreôntica 3 . 55

Joaquim José Lisboa . 57

Onças do Brasil . 57

Referências . 58

# António Dinis da Cruz e Silva (Lisboa, 1731 - Rio de Janeiro, 1799)

### A Tijuca - Metamorfose I

Ao Senhor Luís de Figueiredo Entre os soberbos montes, que formando

Em seu ameno dilatado seio

Do Rio a graciosíssima baía,

Do mar, que em vagas muge, a fúria quebram,

Numa densa floresta, que se eleva

De alcantilada serra sobre o cume

Às altas nuvens, tinha seu alberque

Tijuca, do Brasil formosa ninfa.

Desde a primeira idade desprezando

De Minerva os estudos, suas artes,

Suas delícias eram pelas selvas

Seguir as montarazes brutas feras.

De mil graças em vão, de mil encantos

Seu gentil rosto, seu airoso talho

Ornara liberal a Natureza:

Em vão ante seus olhos, sacudindo

As luminosas teias, em mil giros,

Voa o casto Himeneu, Cupido voa,

De extremosos amantes os suspiros

A seus pés ofertando; que Tijuca

Em seus feros prazeres embebida,

Da caça à ambição tudo pospunha.

Na estendida Comarca não existe.

Nem em seus arredores agra serra,

Ou fechada floresta, impenetrável

De seus fraqueiros pés a ligeireza:

Os ares não cruzava veloz ave.

Ou o mato intrincado brava fera

Segura de seu arco aos prontos tiros,

Por mais que a Natureza em vão a armasse

De agudas presas, de ligeiras penas:

De seu valor e sua formosura

Em breve pelos circunstantes bosques

A fama se espalhou, e não havia

Algum habitador daqueles matos, Que os despojos render-lhe não viesse, Como a Deidade tutelar das selvas. Das mortas aves, das rendidas feras. Diana em tanto, que invejosa olhava Suas aras sem culto, sem ofrendas, Contra Tijuca de cruenta sanha Vingativa se armou. Ah como cabem Nos ânimos celestes tantas iras! Um dia pois que a Ninfa trabalhada De render a seus pés aves e feras, Dum cristalino córrego nas margens Ao som de suas águas adormece; A um fauno hirsuto manda, que lhe furte, Enquanto ela dormia, setas e arco Dum ramo onde pendentes as deixara. Então vendo-a sem armas, do mais denso Da intrincada floresta prontamente Contra a inocente, descuidada Ninfa Um faminto, açodado Tigre envia; Que sobre a preia fita a acesa vista, A devorá-la corre, e com a fúria Estalar faz os troncos, qu'encontrava. Ao ruído assustada acorda a Ninfa; E ao ver a voraz fera, a mão estende Ao ramo onde seu arco pendurara. Mas qual seu pasmo foi, quando o não acha! Outro meio então vendo lhe não resta Para a vida salvar, mais do que a fuga, De seus pés encomenda à ligeireza. Corria tão veloz que o leve vento Mal pudera igualar sua carreira. Já grande espaço a famulenta fera Deixava atrás de si, e já se cria Livre de seu furor, quando na borda D'improviso se vê duma alta rocha. Que num vale profundo se despenha, Toda talhada a pique. Nesse instante Quem poderá dizer qual de Tijuca Foi a grande aflição, foi o desmaio!

Duma parte vibrando as curvas garras Já quase sobre si o Tigre via; Ante seus olhos da outra contemplava Num cego abismo aberta a sepultura: Não há a quem se acorra mais que aos Deuses, E aos Deuses se volvia: fita a vista No Céu, aos Céus as palmas estendendo, Entre tristes soluços assim clama: Se a vós, imortais Numes, algum dia Chegou de minhas vítimas o cheiro, Apiedai-vos de mim, Numes, valei-me. Disse, e subitamente de seus olhos Em borbotões rebentam duas fontes: Pelo nevado colo goteiando Os seus soltos cabelos se convertem De cristalino humor em longos fios: Dos estendidos torneados dedos Ao mesmo tempo aos livres ares pulam, Borrifando de em torno as verdes plantas. Outros tantos esquichos de água clara: E em dois ferventes jorros pouco a pouco Resvalando lhe vão os pés formosos. Enfim, qual d'alta serra a branca neve Com os raios do Sol cai derretida. Despenhando se vai pela agra serra Toda em água Tijuca transmudada; Que junta lá no vale, o Rio forma, Que da Ninfa inda tem o antigo nome; E girando qual serpe tortuosa Por entre o denso mato, está mostrando O grande amor, que viva às selvas tinha. Esta, meu caro Lísio, é da Tijuca A famosa Cascata. Se tu queres, Enquanto em paz de Nêmesis descansa A balança fiel, ali podemos Das Musas na suave companhia Alguns dias passar em útil ócio.

6 . António Dinis da Cruz e Silva António Dinis da Cruz e Silva

### Soneto XXIII - 1

Por um monte coberto de verdura, Que se vai no Mondego despenhando, Vinha o saudoso Elpino descantando De sua amada Ninfa a formosura.

Soava a doce voz pela espessura, Os mais duros rochedos abalando; E por ouvi-la as águas enfreando, Não corre o rio, a fonte não murmura.

Cansado de lidar com a fantasia, No ramo de um carvalho pendurava A frauta, com que o vento adormecia:

E na terra, que em lágrimas banhava, Com a ponta do cajado Aônia abria; E suspirando imóvel se ficava.

### Soneto VI - 2

Amenos bosques cheios de verdura, Claras, e mansas águas do Mondego, Que o Mar buscais correndo com sossego Por entre a fresca sombra da espessura;

Saudoso monte, em cuja penha dura Tantos troféus se imprimem de Amor cego, Que já deste a meus versos doce emprego, Enquanto vivi livre e com ventura:

Eu me aparto de vós; porque o meu Fado, Unido com Amor, me não consente, Que logre vosso influxo sossegado:

Ficai em paz, que eu inda que a corrente Do turvo Letes passe, o doce estado Na lembrança terei sempre presente.

### Soneto XV - 2

Sobre uma rocha, que à corrente fria Do claro Tejo fica sobranceira, Uma barca, que o Rio abre ligeira, Treséia com os gentis olhos seguia:

E enquanto o leve pinho prosseguia Cada vez mais veloz sua carreira, Arrancando do peito a voz inteira, Entre soluços mil assim dizia:

"Onde, oh barco cruel, onde correndo O meu Elpino levas? ah! dize, onde? Ventos, por piedade ide-o detendo:"

No horizonte entretanto ele se esconde; E às queixas, que sem fim fica fazendo, Eco só dentre as penhas lhe responde.

#### Soneto LXII - 2

Numa rocha, que o mar Siciliano Com suas ondas de contínuo cava, O fero Polifemo assim cantava, E a rouca voz atroa o golfo insano:

"Galatéia mais cruel que tigre Hircano Mais surda que áspid, e que o mar mais brava, Pois foges de um Pastor que te adorava, Baco me livrará de Amor tirano."

Isto dizendo, de um pipote pega De vinho moscatel, e assim exclama: "Doce sumo, o melhor de minha adega!

Amor afoga, que meu peito inflama!" Então o grosso vaso à boca chega, E nas entranhas seu licor derrama.

# Cláudio Manuel da Costa (Vila do Ribeirão do Carmo, MG, - Ouro Preto, 1789)

### Soneto I

Para cantar de Amor tenros cuidados, Tomo entre vós, ó montes, o instrumento; Ouvi pois o meu fúnebre lamento;

Se é, que de compaixão sois animados:

Já vós vistes, que aos ecos magoados Do Trácio Orfeu parava o mesmo vento; Da lira de Anfião ao doce acento Se viram os rochedos abalados.

Bem sei, que de outros Gênios o destino, Para cingir de Apolo a verde rama, Lhes influiu na lira estro divino;

O canto, pois, que a minha voz derrama, Porque ao menos o entoa um Peregrino, Se faz digno entre vós também de fama.

#### Soneto II

Leia a posteridade, ó pátrio Rio, Em meus versos teu nome celebrado, Porque vejas uma hora despertado O sono vil do esquecimento frio:

Não vês nas tuas margens o sombrio, Fresco assento de um álamo copado; Não vês Ninfa cantar, pastar o gado Na tarde clara do calmoso estio.

Turvo banhando as pálidas areias Nas porções do riquíssimo tesouro O vasto campo da ambição recreias. Que de seus raios o Planeta louro, Enriquecendo o influxo em tuas veias, Quanto em chamas fecunda, brota em ouro.

### Soneto III

Pastores, que levais ao monte o gado, Vede lá como andais por essa serra; Que para dar contágio a toda a terra, Basta ver-se o meu rosto magoado:

Eu ando (vós me vedes) tão pesado; E a Pastora infiel, que me faz guerra, É a mesma, que em seu semblante encerra A causa de um martírio tão cansado.

Se a quereis conhecer, vinde comigo, Vereis a formosura, que eu adoro; Mas não; tanto não sou vosso inimigo:

Deixai, não a vejais; eu vo-lo imploro; Que se seguir quiserdes, o que eu sigo, Chorarei, ó Pastores, o que eu choro.

#### Soneto IV

Sou pastor; não te nego; os meus montados São esses, que aí vês; vivo contente Ao trazer entre a relva florescente A doce companhia dos meus gados;

Ali me ouvem os troncos namorados, Em que se transformou a antiga gente; Qualquer deles o seu estrago sente; Como eu sinto também os meus cuidados.

Vós, ó troncos, (lhes digo) que algum dia Firmes vos contemplastes, e seguros Nos braços de uma bela companhia;

Consolai-vos comigo, ó troncos duros; Que eu alegre algum tempo assim me via; E hoje os tratos de Amor choro perjuros.

### Soneto V

Se sou pobre Pastor, se não governo
Reinos, nações, províncias, mundo, e gentes;
Se em frio, calma, e chuvas inclementes
Passo o verão, outono, estio, inverno;
Nem por isso trocara o abrigo terno
Desta choça, em que vivo, coas enchentes
Dessa grande fortuna: assaz presentes
Tenho as paixões desse tormento eterno.

Adorar as traições, amar o engano, Ouvir dos lastimosos o gemido, Passar aflito o dia, o mês, e o ano;

Seja embora prazer; que a meu ouvido Soa melhor a voz do desengano, Que da torpe lisonja o infame ruído.

#### Soneto VIII

Este é o rio, a montanha é esta, Estes os troncos, estes os rochedos; São estes inda os mesmos arvoredos; Esta é a mesma rústica floresta.

Tudo cheio de horror se manifesta, Rio, montanha, troncos, e penedos; Que de amor nos suavíssimos enredos Foi cena alegre, e urna é já funesta.

Oh quão lembrado estou de haver subido Aquele monte, e as vezes, que baixando Deixei do pranto o vale umedecido! Tudo me está a memória retratando; Que da mesma saudade o infame ruído Vem as mortas espécies despertando.

#### Soneto XIV

Quem deixa o trato pastoril amado Pela ingrata, civil correspondência, Ou desconhece o rosto da violência, Ou do retiro a paz não tem provado.

Que bem é ver nos campos trasladado No gênio do Pastor, o da inocência! E que mal é no trato, e na aparência Ver sempre o cortesão dissimulado!

Ali respira Amor sinceridade; Aqui sempre a traição seu rosto encobre; Um só trata a mentira, outro a verdade.

Ali não há fortuna que soçobre; Aqui quanto se observa, é variedade: Oh ventura do rico! Oh bem do pobre!

#### Soneto XVIII

Aquela cinta azul, que o Céu estende À nossa mão esquerda, aquele grito, Com que está toda a noite o corvo aflito Dizendo um não sei quê, que não se entende;

Levantar-me de um sonho, quando atende O meu ouvido um mísero conflito, A tempo, que o voraz lobo maldito A minha ovelha mais mimosa ofende;

Encontrar a dormir tão preguiçoso Melampo, o meu fiel, que na manada Sempre desperto está, sempre ansioso;

Ah! queira Deus, que minta a sorte irada: Mas de tão triste agouro cuidadoso Só me lembro de Nise, e de mais nada.

#### Soneto XXVI

Não vês, Nise, este vento desabrido, Que arranca os duros troncos? Não vês esta, Que vem cobrindo o Céu, sombra funesta, Entre o horror de um relâmpago incendido? Não vês a cada instante o ar partido Dessas linhas de fogo? Tudo cresta, Tudo consome, tudo arrasa, e infesta, O raio a cada instante despedido.

Ah! não temas o estrago, que ameaça A tormenta fatal; que o Céu destina Vejas mais feia, mais cruel desgraça:

Rasga o meu peito, já que és tão ferina; Verás a tempestade, que em mim passa; Conhecerás então, o que é ruína.

#### Soneto XXVIII

Faz a imaginação de um bem amado, Que nele se transforme o peito amante; Daqui vem, que a minha alma delirante Se não distingue já do meu cuidado.

Nesta doce loucura arrebatado Anarda cuido ver, bem que distante; Mas ao passo, que a busco, neste instante Me vejo no meu mal desenganado.

Pois se Anarda em mim vive, e eu nela vivo, E por força da idéia me converto Na bela causa de meu fogo ativo; Como nas tristes lágrimas que verto, Ao querer contrastar seu gênio esquivo, Tão longe dela estou, e estou tão perto.

### Soneto XXIX

Ai Nise amada! se este meu tormento, Se estes meus sentidíssimos gemidos Lá no teu peito, lá nos teus ouvidos Achar pudessem brando acolhimento;

Como alegre em servir-te, como atento Meus votos tributara agradecidos! Por séculos de males bem sofridos Trocara todo o meu contentamento.

Mas se na incontrastável pedra dura De teu rigor não há correspondência, Para os doces afetos de ternura;

Cesse de meus suspiros a veemência; Que é fazer mais soberba a formosura Adorar o rigor da resistência.

#### Soneto XLVII

Que inflexível se mostra, que constante Se vê este penhasco! já ferido Do proceloso vento, e já batido Do mar, que nele quebra a cada instante!

Não vi; nem hei de ver mais semelhante Retrato dessa ingrata, a que o gemido Jamais pode fazer, que enternecido Seu peito atenda às queixas de um amante.

Tal és, ingrata Nise: a rebeldia, Que vês nesse penhasco, essa dureza Há de ceder aos golpes algum dia:

Mas que diversa é tua natureza! Dos contínuos excessos da porfia, Recobras novo estímulo à fereza.

#### Soneto LIX

Lembrado estou, ó penhas, que algum dia, Na muda solidão deste arvoredo, Comuniquei convosco o meu segredo, E apenas brando o Zéfiro me ouvia.

Com lágrimas meu peito enternecia A dureza fatal deste rochedo, E sobre ele uma tarde triste, e quedo A causa de meu mal eu escrevia.

Agora torno a ver, se a pedra dura Conserva ainda intacta essa memória,

Que debuxou então minha escultura.

Que vejo! esta é a cifra: triste glória! Para ser mais cruel a desventura, Se fará imortal a minha história.

### Soneto LXII

Torno a ver-vos, ó montes; o destino Aqui me torna a pôr nestes oiteiros; Onde um tempo os gabões deixei grosseiros Pelo traje da Corte rico, e fino.

Aqui estou entre Almendro, entre Corino, Os meus fiéis, meus doces companheiros, Vendo correr os míseros vaqueiros Atrás de seu cansado desatino.

Se o bem desta choupana pode tanto, Que chega a ter mais preço, e mais valia, Que da cidade o lisonjeiro encanto; Aqui descanse a louca fantasia; E o que té agora se tornava em pranto, Se converta em afetos de alegria.

### Soneto LXIII

Já me enfado de ouvir este alarido, Com que se engana o mundo em seu cuidado; Quero ver entre as peles, e o cajado, Se melhora a fortuna de partido.

Canse embora a lisonja ao que ferido Da enganosa esperança anda magoado; Que eu tenho de acorlher-me sempre ao lado Do velho desengano apercebido.

Aquele adore as roupas de alto preço, Um siga a ostentação, outro a vaidade; Todos se enganam com igual excesso.

Eu não chamo a isto já felicidade: Ao campo me recolho, e reconheço, Que não há maior bem, que a soledade.

#### Soneto LXXVI

Enfim te hei de deixar, doce corrente Do claro, do suavíssimo Mondego; Hei de deixar-te enfim; e um novo pego Formará de meu pranto a cópia ardente.

De ti me apartarei; mas bem que ausente, Desta lira serás eterno emprego; E quanto influxo hoje a dever-te chego, Pagará de meu peito a voz cadente.

Das Ninfas, que na fresca, amena estância Das tuas margens úmidas ouvia, Eu terei sempre n'alma a consonância;

Desde o prazo funesto deste dia Serão fiscais eternos da minha ânsia As memórias da tua companhia.

#### Soneto LXXXIII

Polir na guerra o bárbaro Gentio, Que as leis quase ignorou da natureza, Romper de altos penhascos a rudeza, Desentranhar o monte, abrir o rio;

Esta a virtude, a glória, o esforço, o brio Do russiano Herói, esta a grandeza, Que igualou de Alexandre a fortaleza, Que venceu as desgraças de Dario:

Mas se a lei do heroísmo se procura, Se da virtude o espírito se atende, Outra idéia, outra máxima o segura:

Lá vive, onde no ferro não se acende; Vive na paz dos povos, na brandura: Vós a ensinais, ó Rei; em vós se aprende.

#### Soneto XCVIII

Destes penhascos fez a natureza O berço, em que nasci: oh quem cuidara, Que entre penhas tão duras se criara Uma alma terna, um peito sem dureza!

Amor, que vence os Tigres, por empresa Tomou logo render-me; ele declara Contra o meu coração guerra tão rara, Que não me foi bastante a fortaleza.

Por mais que eu mesmo conhecesse o dano, A que dava ocasião minha brandura, Nunca pude fugir ao cego engano: Vós, que ostentais a condição mais dura, Temei, penhas, temei; que Amor tirano, Onde há mais resistência, mais se apura.

#### Soneto XCIX

Parece, ou eu me engano, que esta fonte De repente o licor deixou turvado; O Céu, que estava limpo, e azulado, Se vai escurecendo no Horizonte:

Porque não haja horror, que não aponte O agouro funestíssimo, e pesado, Até de susto já não pasta o gado; Nem uma voz se escuta em todo o monte.

Um raio de improviso na celeste Região rebentou: um branco lírio Da cor das violetas se reveste;

Será delírio! não, não é delírio. Que é isto, Pastor meu? que anúncio é este? Morreu Nise (ai de mim!) tudo é martírio.

#### Soneto C

Musas, canoras Musas, este canto Vós me inspirastes, vós meu tenro alento Erguestes brandamente àquele assento Que tanto, ó Musas, prezo, adoro tanto.

Lágrimas tristes são, mágoas, e pranto, Tudo o que entoa o músico instrumento; Mas se o favor me dais, ao mundo atento Em assunto maior farei espanto.

Se em campos não pisados algum dia Entra a Ninfa, o Pastor, a ovelha, o touro, Efeitos são da vossa melodia;

Que muito, ó Musas, pois, que em fausto agouro Cresçam do pátrio rio à margem fria A imarcessível hera, o verde louro!

# Arúncio - écloga V

### Frondoso e Alcino

Fron. Em vão te estás cansando o dia inteiro, Alcino, em perguntar, que significa Este, que vês cortar, triste letreiro:

> Ele não é debalde: aqui se explica Tudo, quanto há de grande, novo, e raro, Na pobre aldeia, e na cidade rica.

> Nada pode escapar do golpe avaro... (Diz esta cifra breve): agora entende; Oue deste dito o assunto eu não declaro.

Alc. Se o meu juízo o caso compreende, Essa letra, que entalhas, e que admiro, Com a morte de Arúncio fala, ou prende.

Fron. Ah! Que arrancas um mísero suspiro
Do centro de minha alma; o nome amado
Me faz deixar a vida, que respiro.

Alc. Eu bem via, que estava o teu cuidado, Frondoso meu, lembrando a triste morte Desse caro Pastor, tão estimado.

Fron. E quando esperas tu, que o fatal corte, Que de mim separou tão doce Amigo, Possa romper de amor o laço forte!

> Primeiro se verá nascer o trigo No Céu; dará primeiro a terra estrelas, Que tenha esta lembrança algum perigo.

Alc. Triste e funesto caso! As Ninfas belas
Do pátrio Ribeirão tanto choraram,
Que inda alívio não há, nem gosto entre elas.

Os gados largos dias não pastaram; E mugindo à maneira de sentidos, A pele sobre os ossos encostaram.

Os Mochos pelas faias estendidos Enchendo a terra, e Céu de mil agouros, Espalharam tristíssimos grasnidos.

Os campos, que té ali se viam louros Com o matiz vistoso das searas, Perderam de repente seus tesouros:

Fron. Esses sinais, Alcino, se reparas,
Dizem cousa maior, que sentimentos
Consagrados da morte sobre as aras.

Quando há mostras no Céu, quando há portentos Na terra, algum segredo há, não sei onde, Que não é para humanos pensamentos.

Ao meu conhecimento não se esconde A grandeza do golpe: mas alcanço, Que a tanta perda a dor não corresponde.

De te buscar exemplos me não canso; Só te lembro porém, que o tronco duro Faz mais estrago do que o arbusto manso.

Alc. O que queres dizer, eu conjecturo: No vime, e no carvalho há igual ruína: Igual a conseqüência eu não seguro.

> Aquele cai sem dano, este destina Fatal estrago a tudo, o que está posto Debaixo dele. É isto? Ora imagina.

Fron. Jove aparte de nós tanto desgosto: Baste, para avivar nossa saudade, O ser cortado em flor aquele rosto.

> Contente-se da morte a crueldade Em nos levar com passo tão ligeiro Uma tão bela, tão mimosa idade.

Roubou-nos um Pastor, que era o primeiro Entre os nossos do monte; ele nos dava As justas leis no campo, e no terreiro.

Ele as dúvidas nossas concertava; E sendo Maioral, por arte nova, Com respeito o agrado temperava.

De mil virtudes suas nos deu prova; Sempre a bem dirigindo os nossos passos. Oh quanto esta lembrança a dor renova!

Alc. Ai! E com quanta mágoa nos teus braços Eu vi, Frondoso meu, que Arúncio esteve Desatando da vida os doces laços!

Fron. Meu pensamento, Amigo, não se atreve A lembrar-se (ai de mim!) da mortal hora. Em que via acabar vida tão breve.

> Quem fora duro seixo, ou bronze fora, Para animar agora na lembrança Aquela imagem, com que esta alma chora!

Eu vi, Alcino, eu vi, que na mudança, Que do caduco a Eterno bem fazia, A alma tinha cheia de esperança.

Tudo, o que era mortal, aborrecia: A cópia dos seus gados, o cajado, (Bem que era de ouro fino) em nada havia. Em vão o molestava o doce estado Da honra, e da grandeza: a Jove entregue O espírito seguia outro cuidado.

Mas ai, Alcino! A voz já não prossegue; Que tudo, o que a memória vem trazendo, Receio, Amigo, que a matar-me chegue.

Alc. As Ninfas do Mondego estou já vendo Descerem para nós com triste pranto. Ou eu me engano, ou elas vêm dizendo:

> Se do lírio, da murta, e do amaranto Cercada deve ser a sepultura De Arúncio, a nós nos toca ofício tanto.

Nós o criamos, com feliz ternura, Dando-lhe o mel, e o leite: a nós nos toca Mandar o corpo belo à terra dura.

Fron. De outro lado igualmente se provoca O Tejo (onde ele viu a luz primeira): E as Ninfas do centro úmido convoca.

> A mim só se me deve a glória inteira (Fala o soberbo Tejo) eu o demando: Minha há de ser esta honra derradeira.

Aqui lhe estou uma urna preparando, Coberta de um cipreste; onde a memória Seu nome viverá sempre guardando.

Por mais que voe a idade transitória, Nunca se há de apagar aquele afeto, Que de Arúncio consagro à triste história.

Durarás entre nós, Pastor discreto, Renovando a lembrança de Corino, Que da nossa saudade é inda objeto:

Ele te deu o ser; tu peregrino Retrato de seus dotes, consolavas Nosso desejo, tão constante, e fino.

Aquele caro Irmão, que tanto amavas, *Aônio*, digo, aquele, a quem devias Toda a felicidade, que gozavas,

Hoje lamenta teus saudosos dias; Hoje chora comigo: eu lhe desejo Alívio a tão cansadas agonias.

Alc. Oh! Contente-se embora o claro Tejo
De haver ao mundo dado, quem lhe ganha
Fama, e nome a seu Reino assaz sobejo.

Contente-se o Mondego, que na estranha Ventura de educá-lo, deu ao mundo, Quem lhe soube adquirir glória tamanha.

O fado, que conhece inda o mais fundo, Quer, que guarde seu corpo a turva areia De outro Rio, mais triste, e mais profundo.

Do Rio, que seu curso não refreia Até chegar, onde entra a grande costa, Que banha do Brasil salgada veia.

Rio das Velhas se chama (se reposta Buscamos nos antigos, a pintura Das Dórcades na história se vê posta).

Os primeiros, que entraram na espessura Dos ásperos sertões, dizem, que acharam Três bárbaras, já velhas, nesta altura.

Fron. Das três Parcas melhor eles tomaram O nome desse Rio; se é verdade, Que elas a vida humana governaram. Triste sejas, ó Rio: a Divindade De Apolo, que em ti cria o amável ouro, Se aparte do teu seio em toda a idade.

Não sejas da ambição rico tesouro: Girar se vejam sobre as praias tuas Os brancos cisnes não, aves d'agouro.

Do inverno as enxurradas levem cruas As sementeiras, que teus campos criam: Deixem só sobre a terra as pedras nuas.

Os pobres navegantes, que se fiam Dessas funestas águas, desde agora Conheçam a traição, que não temiam.

Alc. E contra quem, Frondoso, inda em tal hora Se armam as pragas tuas! Um delírio Só para extremo tal desculpa fora.

> Se Jove é quem nos manda este martírio, Soframos o seu golpe: ao Pastor belo Derramemos em cima o goivo, o lírio.

O nosso Ribeirão traz o modelo Do enterro, que dispõe: nós entretanto Demos a conhecer nosso desvelo.

Envolto o corpo em um cândido manto, Que distingue de Deus o brasão nobre, Aqui se of'rece para o nosso pranto,

Enquanto pois o corpo a terra cobre, Seguindo o teu princípio, deixa, Amigo, Que um voto lhe consagre um Pastor pobre, Um voto, que se escreva em seu jazigo.

### Soneto

Nada pode escapar do golpe avaro, Alcino meu: que a Parca endurecida Corta igualmente os fios de uma vida Ao pastor pobre, ao cortesão preclaro.

Cresça embora esse tronco altivo, e raro, Ostentação fazendo mais luzida; Viva embora entre humilde, entre abatida, Essa planta, a que o nome em vão declaro.

Tudo há de achar o fim: bem que a vaidade Em uma, e outra glória faça estudo, Nada escapa à fatal voracidade.

Eu, que chego a pensá-lo, fico mudo; E só tiro por certa esta verdade: Que, se Arúncio acabou, acaba tudo.

# Tomás Antônio Gonzaga (Porto, 1744 – Ilha de Moçambique, 1810)

# Lira 65 (III – segunda parte)

\*Sucede, Marília bela, à medonha noite o dia; a estação chuvosa e fria à quente, seca estação. Muda-se a sorte dos tempos; só a minha sorte não?

Os troncos, nas primaveras, brotam em flores, viçosos; nos invernos escabrosos largam as folhas no chão. Muda-se a sorte dos troncos; só a minha sorte não?

Aos brutos, Marília, cortam armadas redes os passos; rompem depois os seus laços, fogem da dura prisão. Muda-se a sorte dos brutos; só a minha sorte não?

Nenhum dos homens conserva alegre sempre o seu rosto; depois das penas vem gosto, depois do gosto aflição. Muda-se a sorte dos homens; só a minha sorte não?

Aos altos deuses moveram soberbos gigantes guerra; no mais tempo o Céu e a Terra lhes tributa adoração.

Muda-se a sorte dos Deuses; só a minha sorte não?

\*Há-de, Marília, mudar-se

26 . Cláudio Manuel da Costa Tomás Antônio Gonzaga . 27

do destino a inclemência; tenho por mim a inocência, tenho por mim a razão. Muda-se a sorte de tudo; só a minha sorte não?

O tempo, ó bela, que gasta os troncos, pedras e o cobre, o véu rompe, com que encobre à verdade a vil traição. Muda-se a sorte de tudo; só a minha sorte não?

\*Qual eu sou, verá o mundo; mais me dará do que eu tinha, tornarei a ver-te minha: que feliz consolação! Não há-de tudo mudar-se, só a minha sorte não?

# Lira 68 (VI – segunda parte)

-\*De que te queixas, língua importuna? De que a fortuna roubar-te queira o que te deu? Este foi sempre o gênio seu.

Levou, Marília, a ímpia sorte Catões à morte; nem sepultura lhes concedeu. Este foi sempre o gênio seu. A outros muitos, que vis nasceram, nem mereceram, a grandes tronos a ímpia ergueu. Este foi sempre o gênio seu.

\*Espalha a cega sobre os humanos os bens e os danos, e a quem se devam nunca escolheu. Este foi sempre o gênio seu.

A quanto é justo jamais se dobra; nem igual obra cos mesmos deuses do caro céu. Este foi sempre o gênio seu.

Sobe ao céu Vênus num carro ufano; e cai Vulcano da pura esfera, em que nasceu. Este foi sempre o gênio seu.

\*Mas não me rouba, bem que se mude, honra e virtude: que o mais é dela, mas isto é meu. Este foi sempre o gênio seu.

# Lira 24 (V – primeira parte)

Acaso são estes
os sítios formosos,
aonde passava
os anos gostosos?
São estes os prados,
aonde brincava,
enquanto pastava
o manso rebanho,
que Alceu me deixou?
São estes os sítios?
São estes; mas eu
o mesmo não sou.
Marília, tu chamas?
Espera, que eu vou.

um rio caía;
ao som do sussuro
que vezes dormia!
Agora não cobrem
espumas nevadas
as pedras quebradas:
parece que o rio
o curso voltou.
São estes os sítios?
São estes; mas eu
o mesmo não sou.
Marília, tu chamas?

Daquele penhasco

Meus versos, alegre, aqui repetia; o eco as palavras três vezes dizia. Se chamo por ele, já não me responde; parece se esconde, cansado de dar-me

Espera, que eu vou.

os ais que lhe dou.
São estes os sítios?
São estes; mas eu
o mesmo não sou.
Marília, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Aqui um regato corria, sereno, por margens cobertas de flores e feno; à esquerda se erguia um bosque fechado, e o tempo apressado, que nada respeita, já tudo mudou.

São estes os sítios?
São estes; mas eu

São estes os sitios? São estes; mas eu o mesmo não sou. Marília, tu chamas? Espera, que eu vou.

Mas como discorro?
Acaso podia
já tudo mudar-se
no espaço de um dia?
Existem as fontes
e os freixos copados;
dão flores os prados,
e corre a cascata,
que nunca secou.
São estes os sítios?

São estes os sítios? São estes; mas eu o mesmo não sou. Marília, tu chamas? Espera, que eu vou.

Minha alma, que tinha liberta a vontade, agora já sente amor e saudade.

Os sítios formosos, que já me agradaram, ah! não se mudaram; mudaram-me os olhos, de triste que estou. São estes os sítios? São estes; mas eu o mesmo não sou. Marília, tu chamas? Espera, que eu vou.

# Lira 38 (XVIII – primeira parte)

Não vês aquele velho respeitável, que, à muleta encostado, apenas mal se move e mal se arrasta? Oh! quanto estrago não lhe fez o tempo, o tempo arrebatado, que o mesmo bronze gasta!

Enrugaram-se as faces e perderam seus olhos a viveza; voltou-se o seu cabelo em branca neve; já lhe treme a cabeça, a mão, o queixo, nem tem uma beleza das belezas que teve.

Assim também serei, minha Marília, daqui a poucos anos, que o ímpio tempo para todos corre: os dentes cairão e os meus cabelos. Ah! sentirei os danos, que só evita quem morre.

Mas sempre passarei uma velhice muito menos penosa. Não trarei a muleta carregada, descansarei o já vergado corpo na tua mão piedosa, na tua mão nevada. As frias tarde, em que negra nuvem os chuveiros não lance, irei contigo ao prado florescente: aqui me buscarás um sítio ameno, onde os membros descanse, e ao brando sol me aquente.

Apenas me sentar, então, movendo os olhos por aquela vistosa parte, que ficar fronteira, apontando direi: – Ali falamos, ali, ó minha bela, te vi a vez primeira.

Verterão os meus olhos duas fontes, nascidas da alegria; farão teus olhos ternos outro tanto; então darei, Marília, frios beijos na mão formosa e pia, que me limpar o pranto.

Assim irá, Marília, docemente meu corpo suportando do tempo desumano a dura guerra. Contente morrerei, por ser Marília quem, sentida, chorando meus baços olhos cerra.

# Lira 34 (XIV – primeira parte)

Minha bela Marília, tudo passa; a sorte deste mundo é mal segura; se vem depois dos males a ventura, vem depois dos prazeres a desgraça. Estão os mesmos deuses sujeitos ao poder do ímpio fado: Apolo já fugiu do céu brilhante, já foi pastor de gado.

A devorante mão da negra morte acaba de roubar o bem que temos; até na triste campa não podemos zombar do braço da inconstante sorte: qual fica no sepulcro, que seus avós ergueram, descansado; qual no campo, e lhe arranca os frios ossos ferro do torno arado.

Ah! enquanto os destinos impiedosos não voltam contra nós a face irada, façamos, sim, façamos, doce amada, os nossos breves dias mais ditosos.

Um coração que, frouxo, a grata posse de seu bem difere a si, Marília, a si próprio rouba, e a si próprio fere.

Ornemos nossas testas com as flores, e façamos de feno um brando leito; prendamo-nos, Marília, em laço estreito, gozemos do prazer de sãos amores. Sobre as nossas cabeças, sem que o possam deter, o tempo corre; e para nós o tempo que passa também, Marília, morre.

Com os anos, Marília, o gosto falta, e se entorpece o corpo já cansado: triste, o velho cordeiro está deitado, e o leve filho, sempre alegre, salta. A mesma formosura é dote que só goza a mocidade: rugam-se as faces, o cabelo alveja, mal chega a longa idade.

Que havemos de esperar, Marília bela? que vão passando os florescentes dias? As glórias que vêm tarde, já vêm frias, e pode, enfim, mudar-se a nossa estrela. Ah! não, minha Marília, aproveite-se o tempo, antes que faça o estrago de roubar ao corpo as forças, e ao semblante a graça.

### Lira 42 (XXIII - primeira parte)

Num sítio ameno, cheio de rosas, de brancos lírios, murtas viçosas,

Dos seus amores na companhia, Dirceu passava alegre o dia.

Em tom de graça ao terno amante manda Marília que toque e cante.

Pega na lira, sem que a tempere, a voz levanta, e as cordas fere. Cos doces pontos a mão atina, e a voz iguala à voz divina.

Ela, que teve de rir-se a idéia, nem move os olhos, de assombro cheia.

Então Cupido aparecendo, à bela fala, assim dizendo:

Do teu amado a lira fias, só por que dele zombando rias?

Quando num peito assento faço, do peito subo à língua e braço.

Nem creias que outro estilo tome, sendo eu o mestre, a ação teu nome.

# Lira 46 (XXVIII - primeira parte)

Cupido, tirando dos ombros a aljava, num campo de flores contente brincava.

E o corpo tenrinho depois, enfadado, incauto reclina na relva do prado.

Marília formosa, que ao deus conhecia, oculta, espreitava quanto ele fazia.

Mal julga que dorme, se chega, contente, as armas lhe furta, e o deus a não sente. Os Faunos, mal viram as armas roubadas, saíram das grutas soltando risadas.

Acorda Cupido, e a causa sabendo, a quantos o insultam responde, dizendo:

Temíeis as setas
 nas minhas mãos cruas?
 Vereis o que podem
 agora nas suas.

# Manuel Inácio da Silva Alvarenga (Vila Rica, 1749 – Rio de Janeiro, 1814)

# Os suspiros (rondó XLV)

Se algum dia, Glaura bela, Visitar estes retiros; Ouça os míseros suspiros, Que infeliz entrego ao ar.

Seja este áspero rochedo Quem repita as minhas mágoas; E o ruído destas águas Quem lhe pinte o meu pesar.

Ah! conserva, Amor, que ouviste O meu triste suspirar.

Guarda amante e compassiva Flébil Eco, que me escutas, Na aspereza destas grutas Retratado o meu penar.

Aqui Glaura pela tarde Que decline a calma espera, Qual a Deusa de Citera, Quando sai do fundo mar.

Ah! conserva, Amor, que ouviste O meu triste suspirar.

# O prazer (rondó XXIV)

Sobre o feno recostado, Descansado afino a lira, Que respira com ternura Na doçura do prazer. Amo a simples Natureza: Busquem outros a vaidade Nos tumultos da cidade, Na riqueza e no poder.

Desse pélago furioso Não me assustam os perigos, Nem dos ventos inimigos O raivoso combater.

Sobre o feno recostado, Descansado afino a lira, Que respira com ternura Na doçura do prazer.

Pouca terra cultivada Me agradece com seus frutos; Mas os olhos tenho enxutos, Quanto agrada assim viver!

O meu peito só deseja Doce paz neste retiro; Por delícias não suspiro, Onde a inveja faz tremer.

Sobre o feno recostado, Descansado afino a lira, Que respira com ternura Na doçura do prazer.

Pelas sombras venturosas De fecundos arvoredos Ouve Glaura os meus segredos, Quando rosas vai colher.

Já o Amor com ferro duro Não me assalta, nem me ofende: Já suave o fogo acende, E mais puro o sinto arder. Sobre o feno recostado, Descansado afino a lira, Que respira com ternura Na doçura do prazer.

Entre as graças e os Amores Canto o Sol e a Primavera, Que risonha vem da Esfera Tudo em flores converter.

A inocência me acompanha; Oh que bem! oh que tesoiro! Vejo alegre os dias de oiro Na montanha renascer.

Sobre o feno recostado, Descansado afino a lira, Que respira com ternura Na doçura do prazer.

# Madrigal II

Ninfas e belas Graças,
O Amor se oculta e não sabeis aonde:
As vossas ameaças
Ele ouve, espreita, ri-se e não responde.
Mas, ah! cruel! e agora me traspassas?
Ninfas e belas Graças,
O Amor se oculta; eu já vos mostro aonde;
Neste peito, (ai de mim!) o Amor se esconde!

# **Madrigal VIII**

Adeus, ó doce lira; Ficarás neste ramo pendurada. Ao vento, que suspira, Responda a tua voz triste e cansada. Já foste dedicada Ao puro Amor, às Graças melindrosas: Elas gemem saudosas, E o mísero Pastor chorando expira Adeus, ó doce lira, Fiel e desgraçada; Ficarás neste ramo pendurada.

### **Madrigal LVI**

Mortal saudade, é esta a sepultura;
Já Glaura não existe;
Ah! como vejo triste em sombra escura
O campo, que alegravam os seus olhos!
Duros espinhos, ásperos abrolhos
Vejo em lugar das flores:
Chorai, ternos Amores,
Chorai comigo a infausta desventura:
É esta a sepultura:
Meu coração à mágoa não resiste:
Glaura bela (ai de mim!) já não existe!

# Inácio José de Alvarenga Peixoto (Rio de Janeiro, 1744 – Ambaca, Angola, 1793)

(Informação acrescentada por Joaquim Norberto de Sousa Silva: A D. Bárbara Heliodora sua esposa remetida do cárcere das Ilha das Cobras.)

Bárbara bela,
do Norte estrela,
que o meu destino
sabes guiar,
de ti ausente
triste, somente
as horas passo
a suspirar.
Isto é castigo
que Amor me dá.

Por entre as penhas de incultas brenhas cansa-me a vista de te buscar; porém não vejo mais que o desejo, sem esperança de te encontrar. Isto é castigo que Amor me dá.

Eu bem queria
a noite e o dia
sempre contigo
poder passar;
mas orgulhosa
sorte invejosa,
desta fortuna
me quer privar.
Isto é castigo
que Amor me dá.

Tu, entre os braços, ternos abraços da filha amada podes gozar. Priva-me a estrela de ti e dela, busca dois modos de me matar. Isto é castigo que Amor me dá.

# Santa Rita Durão (Cata Preta, MG, 1722 - Lisboa, 1784)

### Caramuru

# Canto VI [fragmento]

Depois de socorrer a tripulação duma nau espanhola naufragada, tomado por saudades da Europa, embarca (Diogo Álvares) numa nau francesa com Paraguaçu. Ocorre então a morte de Moema.

#### XXXVI

É fama então que a multidão formosa
Das damas, que Diogo pretendiam,
Vendo avançar-lhe a nau na via undosa,
E que a esperança de o alcançar perdiam,
Entre as ondas com ânsia furiosa,
Nadando, o esposo pelo mar seguiam,
E nem tanta água que flutua vaga
O ardor que o peito tem, banhando apaga.

#### XXXVII

Copiosa multidão da nau francesa
Corre a ver o espetáculo assombrada;
E, ignorando a ocasião de estranha empresa,
Pasma da turba feminil que nada,
Uma, que às mais precede em gentileza,
Não vinha menos bela do que irada:
Era Moema, que de inveja geme,
E já vizinha à nau se apega ao leme.

#### XXXVIII

"Bárbaro (a bela diz), tigre e não homem... Porém o tigre, por cruel que brame, Acha forças amor que enfim o domem; Só a ti não domou, por mais que eu te ame. Fúrias, raios, coriscos, que o ar consomem, Como não consumis aquele infame? Mas pagar tanto amor com tédio e asco... Ah! que corisco és tu... raio... penhasco!

#### XXXIX

Bem puderas, cruel, ter sido esquivo, Quando eu a fé rendia ao teu engano; Nem me ofenderas a escutar-me altivo, Que é favor, dado a tempo, um desengano; Porém, deixando o coração cativo, Com fazer-te a meus rogos sempre humano, Fugiste-me, traidor, e desta sorte Paga meu fino amor tão crua morte?

### XL

Tão dura ingratidão menos sentira E esse fado cruel doce me fora, Se a meu despeito triunfar não vira Essa indigna, essa infame, essa traidora! Por serva, por escrava, te seguira, Se não temera de chamar senhora A vil Paraguaçu, que, sem que o creia, Sobre ser-me inferior, é néscia e feia.

#### XLI

Enfim, tens coração de ver-me aflita,
Flutuar moribunda entre estas ondas;
Nem o passado amor teu peito incita
A um ai somente com que aos meus respondas!
Bárbaro, se esta fé teu peito irrita,
(Disse, vendo-o fugir), ah não te escondas!
Dispara sobre mim teu cruel raio..."
E indo a dizer o mais, cai num desmaio.

44 . Santa Rita Durão Santa Rita Durão . 45

### XLII

Perde o lume dos olhos, pasma e treme, Pálida a cor, o aspecto moribundo; Com mão já sem vigor, soltando o leme, Entre as salsas escumas desce ao fundo. Mas na onda do mar, que irado freme, Tornando a aparecer desde o profundo: "Ah Diogo cruel!" disse com mágoa, E, sem mais vista ser, sorveu-se n'áqua.

[Continua o canto VI]

# Basílio da Gama (São José do Rio das Mortes, MG, 1741 - Lisboa, 1795)

## O uraguai

Canto terceiro [fragmento final]

Cacambo está morto. Lindóia é levada a uma gruta pela velha Tanajura e tem aí a visão do futuro (dentro da água de um vaso) – Lisboa destruída pelo terremoto de 1755 e reconstruída pelo Marquês de Pombal. Ela antevê também a destruição da República Guaranítica. O fragmento que segue é o fim da cena da visão de Lindóia.

Embebida na mágica pintura Goza as imagens vãs, e não se atreve Lindóia a perguntar. Vê destruída A República infame, e bem vingada A morte de Cacambo; e atenta, e imóvel Apascentava os olhos e o desejo, E nem tudo entendia; quando a velha Bateu coa mão, e fez tremer as águas. Desaparecem as fingidas torres, E os verdes campos; nem já deles resta Leve sinal. Debalde os olhos buscam As naus: já não são naus, nem mar, nem montes, Nem o lugar, onde estiveram. Torna Ao pranto a saudosíssima Lindóia, E de novo outra vez suspira, e geme. Até que a Noite compassiva, e atenta, Que as magoadas lástimas lhe ouvira, Ao partir sacudiu das fuscas asas, Envolto em frio orvalho, um leve sono, Suave esquecimento de seus males.

[Fim do canto terceiro]

46 . Santa Rita Durão Basílio da Gama . 47

# Alexandre de Gusmão (Vila do Porto de Santos, SP, 1695 – Lisboa, 1753)

### A Júpiter Supremo Deus do Olimpo (Soneto)

Númen que tens do mundo o regimento, Se amas o bem, se odeias a maldade, Como deixas com prêmio a iniquidade, E assoçobrado ao são merecimento?

Como hei de crer qu'um imortal tormento, Castigue a uma mortal leviandade? Que seja ciência, amor, ou piedade Expor-me ao mal sem meu consentimento?

Guerras cruéis, fanáticos tiranos, Raios, tremores, e as moléstias tristes, Enchem o curso de pesados anos;

Se és Deus, s'isto prevês, e assim persistes, Ou não fazes apreço dos humanos, Ou qual dizem não és; ou não existes. Ode

Move incessante as asas incansáveis
O tempo fugitivo,
Atrás não volta, e aquele que aos amáveis
Prazeres se não dá, sem lenitivos
Depois amargamente
Chora o bem, que perdeu, e o mal que sente.

Voa de flor em flora na Primavera A abelha cuidadosa; Fabrica o doce mel, a branda cera, Da suave estação os mimos goza, Antes que o seco Estio Abrase o verde campo e sorva o rio.

Dos fechados garnéis das loiras eiras As próvidas formigas Vão levando em solícitas fileiras Subterrâneo celeiro,
Antes que as prive o frígido Janeiro.
Em tudo nos descobre a Natureza,

Ó Marília formesa

O loiro trigo, e formam com fadigas

Em tudo nos descobre a Natureza, Ó Marília formosa, Que é preciso do tempo a ligeireza Fazê-la ao nosso gosto proveitosa; Para o prazer nascemos, Em prazeres o tempo aproveitemos.

À fera, inda a mais fera, entre os rochedos
 Da fragosa montanha,
 E às aves nos copados arvoredos
 A paixão não lhes é de amor estranha:
 Em doce companhia
 Passam o tempo sem perder um dia.

As ternas pombas, em que amor pintando Está perfeitamente, Ora beijando-se estão, ora catando-se Ora entregues ao seu desejo ardente Fazem... mas quem ignora? O que Amor fazer manda quem se adora.

Vê que nos ternos brincos destas aves
Te deu, Marília bela,
De amoroso prazer lições suaves
A branda Humanidade: Amor é aquela
Paixão que ela mais preza.
Quem não ama desmente a Natureza.
Tu sabes, ó Marília, que eu te amo,
Que vives no meu peito,
Que é teu nome o nome por quem chamo,
Tu só por quem a Amor vivo sujeito;
Vem unir-te comigo,
Faremos ao Amor um doce abrigo.

48 . Alexandre de Gusmão Alexandre de Gusmão . 49

Vem, que ele aqui te espera, aqui o temos, Aqui entre os meus braços: Olha que o tempo foge, e não podemos O seu curso deter; vem, move os passos, E aqui, em prazer grato, Das pombinhas seremos o retrato.

# Francisco Vilela Barbosa, Marquês de Paranaguá (Rio de Janeiro, 1769 – Rio de Janeiro, 1846)

### Ode IV

Ai minha amada! que funesto anúncio! Palpita o coração, gela-se o sangue, Corre um dia após outro, vão fugindo Os rápidos instantes.

Na série destes dias, negro dia Eu descortino ao longe; em torno dele Girando vêm os pálidos desgostos, E as saudades tiranas.

Traz envolto o semblante em nuvens negras, E na mão meneando a dura espada, Que há de cortar o fio aos nossos gostos, Para nós se encaminha.

É este pois o dia, que no peito, Onde moraram os prazeres doces, Há de entornar da negra hipocondria O licor amargoso.

Ainda bem ao pé de nós não chega, Já nos vem acenando lá de longe C'o decreto fatal do Tempo duro, Que o meu desterro ordena.

Adiante guiando-o vêm dois dias, Que correm mais velozes, do que o vento, Que apenas toca com ligeiro sopro As folhas da campina.

Atrás porém seguindo vem seus passos Imenso bando de cansados dias, Inda mais vagarosos, que caminha O réu para o suplício. Mas que é isto, Marília? Tu suspiras? Ah! não queiras sentir tão cedo os males; Aproveitemos os finais instantes, Que o tempo nos concede.

Um minuto, que em gostos se aproveita, Tem mais valor, que um século de penas: E se estas inda um pouco a nós se escondem Para que é já o pranto!

Guardem-se os ternos choros para as horas, Que hão de roubar-me tua doce vista, Tornando em troca deste caro roubo Os tiranos pesares.

Os Amores então quebrando as setas, Carpirão junto a mim, de quando em quando Repetindo nas margens do Mondego As lembranças do Rio.

# Frei Francisco de São Carlos (Rio de Janeiro, 1763 - Rio de Janeiro, 1829)

### A Bernardo José de Lorena

Governador e Capitão-General de São Paulo

Um povo é semelhante ao mar irado Indômito, inflexível, insolente: Mudável no conceito, e injustamente Crimina a mão que às leis o tem atado.

Se o mando obra justiça, é mui pesado; Se deixa o crime impune é indulgente; Se se vale da indústria, é imprudente: Não se pode de todos ter agrado.

Só vós, grande Senhor, com arte incrível, Os extremos unistes de um projeto, Que vai tocar o reino do impossível.

Pois no vosso governo, sábio e reto, Soubestes granjear, coisa indizível, De gênios desiguais, igual afeto.

# José da Natividade Saldanha (Sto. Amaro de Jaboatão, PE, 1795 - Bogotá, 1830)

### **Ode Anacreôntica 1**

O Galo da Campina

Sigo teus vôos, Gênio divino, Cantor da Glória, Sonoro Elpino.

Campino Galo,
De garbo cheio,
No prado voa
De amar contente;
Orna-lhe a frente
Vermelha c'roa.
Ave tão bela
Não viu ninguém.

Colar purpúreo
Lhe adorna o peito;
Quando ele entoa
Doces amores,
Por entre as flores
A voz ressoa.
Ave tão bela
Não viu ninguém.

### **Ode Anacreôntica 2**

O Xexéu

Xexéu engraçado, Gentil mangador, Das aves Brasílias O encanto, e a flor. Quem pode igualar-te Mimoso Cantor! Orfeu sonoroso Assim não cantava, Quando a Esposa bela Do Erebro chamava, E as mágoas em cantos De amor transformava.

Das aves imitas O vário gorjeio, No canto suave De harmonia cheio; Dos homens, dos Numes És doce recreio.

Adorna teu corpo Negraloira cor, Teu canto respira Ternura, e amor. Quem pode igualar-te Mimoso Cantor!

### **Ode Anacreôntica 3**

O ponche de caju

Do loiro caju, Anália, bebamos O ponche gostoso, Que aviva o prazer; Mais grato, que a ambrósia, Que Jove no Olimpo Se apraz de beber.

Oh! como é formoso O pomo suave Ao cheiro, ao padar! Se pomos tão belos Atlanta gozara, Os d'oiro deixando, Nem quisera vê-los.

54 . José da Natividade Saldanha José da Natividade Saldanha . 55

Triunfe Alexandre
No roxo Oriente,
Que Baco domou:
Deixa-lo vencer;
Anália, eu só quero
O poncho agridoce,
Contigo beber.

# Joaquim José Lisboa (Vila Rica, 1775 – ?)

# **Onças do Brasil**

Quatro qualidades de onça Nós temos, e temos lobos, Propensos a fazer roubos, Pois são do gado os ladrões.

Entre estas diversas onças, Há nelas diversas cores, Porém todas são maiores, Do que o cruel lobo traidor.

É parda a sassurana,
Porém mais destra em ciladas,
Há duas que são pintadas,
E o tigre de negra cor.
A Preguiça do Brasil
Temos animal felpudo,
De curtos, nervosos braços,
Que enquanto dá só dois passos,
Pode um homem dar três mil.

Maldito esse bicho seja, Que tão mau costume tem; Pois dele o nome nos vem Da preguiça do Brasil.

56 . José da Natividade Saldanha Joaquim José Lisboa . 57

### Referências

ALVARENGA, Manuel Inácio da Silva. *Glaura, poemas eróticos*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1943.

COSTA, Cláudio Manuel da. Obras poéticas. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1903. t. I.

CRUZ E SILVA, António Dinis da. *Poesias*. Lisboa: Lacerdina, 1807. t. I.

CRUZ E SILVA, António Dinis da. Obras. Lisboa: Colibri, 2001. v. 2.

DURÃO, Frei José de Santa Rita. Caramuru. 4. ed. Rio de Janeiro: H. Garnier, [s.d.]

GONZAGA, Tomás Antônio. Marília de Dirceu. São Paulo: Martins, 1953.

GONZAGA, Tomás Antônio. *Poesias; Cartas chilenas*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957.

GUSMÃO, Alexandre de. Obras. São Paulo: Cultura, 1945.

LAPA, Manuel Rodrigues. *Vida e obra de Alvarenga Peixoto*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960.

MARTINS, Heitor (Org.). *Neoclassicismo: uma visão temática*. Brasília: Academia Brasiliense de Letras, 1982.

MENESES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

TEIXEIRA, Ivan (Ed.). Obras poéticas de Basílio da Gama. São Paulo: Edusp, 1996.

# Publicações de interesse para a área de estudos literários

#### Diante da Lei

uma experiência em Teoria da Literatura Nabil Araújo (Org.)

#### Narrativas da Ditadura Militar

Vera Lúcia Casa Nova (Org.)

# Poesia brasileira, época barroca

v. 1 e 2

José Américo Miranda (Org.)

# Tradução e tradição clássica na América Latina

v. 1 e 2

Ana Cristina Fonseca dos Santos Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa (Orgs.)



As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos orientados e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da FALE/UFMG, constituído por estudantes de Letras – bolsistas e voluntários – supervisionados por docentes da área de edição.